

O INSTITUTO DA FAMÍLIA (INFLOR) E OS MOVIMENTOS

na Pastoral Familiar da Arquidiocese de Florianópolis

Prof. Carlos Jaime Martendal

Leigo – Paróquia do Balneário, Estreito

Ao afirmar, em Puebla, que “Deus, no mais íntimo de seu mistério, não é uma solidão, mas uma família” (cf *Homilia no Seminário Palafoxiano*, n.2), o Papa João Paulo II por certo também quis reafirmar ao mundo a dignidade e santidade daquela que é a célula básica da sociedade.

A família sempre mereceu a atenção e os cuidados da Igreja, mas nunca como a partir do Vaticano II, quando, por exemplo, dos dezesseis Documentos produzidos, a metade deles, uns mais profundamente, outro pelo menos de passagem, abordou-a em suas páginas.

Também na arquidiocese de Florianópolis os reflexos do Concílio se fizeram notar. Logo começaram a surgir novos Movimentos de cristãos leigos, o que ajudou a revitalizar nossa Igreja Particular, motivo de grande alegria para o Arcebispo, então, Dom Afonso NIEHUES.

O leigo começa a ter vez e a família é destaque

Em 1967, com os ventos daquele importante acontecimento soprando sobre esta terra, é elaborado o 1º “Plano Arquidiocesano de Pastoral de Conjunto”, uma novidade na organização da ação pastoral. O leigo começa a ter vez e a família é destaque. Escreve o Arcebispo: “Contamos com dois Movimentos de família: as Equipes de Nossa Senhora e o Movimento Familiar Cristão. Além de darem ao mundo um testemunho muito valioso e de crescerem espiritualmente, trabalham nos mais diversos setores da Pastoral (...). Sentimos mesmo a necessidade de ampliar e coordenar estes dois Movimentos de família numa autêntica Pastoral Familiar como foco de irradiação para toda a sociedade” (ibid. p.24).

No 2º Plano de Pastoral os programas prioritários enfatizam a busca de uma “renovação pessoal com vista ao despertar da vocação eclesial (...) do leigo para um trabalho apostólico efetivo dentro do ambiente em que Deus o colocou” (ibid. p.73), o que lembra *Lumen Géntium* n.31.

Quando o 7º Plano está em vigor (1979), surge o INSTITUTO DA FAMÍLIA de Florianópolis, o INFLOR. Fundamentalmente, ele é resultado da perseverança e do empenho com que Dom Afonso o quis. Fundado em 7 de maio daquele ano, em Assembléia Geral convocada pelo Sr. Arcebispo, o INFLOR já naquela data viu empossado seu primeiro casal presidente (Miguel e Dilma OROFINO) e teve aprovado seu Estatuto.

As finalidades do Instituto estavam descritas no artigo 2º, destacando-se a alínea b): “Elaborar, coordenar e executar o Plano de Pastoral da Família, integrado no Plano de Pastoral de Conjunto da Arquidiocese de Florianópolis”. E o parágrafo único desse mesmo artigo determinava: “Para atingir seus objetivos, a entidade procurará a integração com Movimentos familiares ou não, e com entidades preocupadas com o desenvolvimento da comunidade”.

O INFLOR cumpriria essas funções até 1992, ano em que passou a constituir parte da Pastoral Familiar e não mais a ser responsável por ela. Sem dúvida, prestou – e haverá de

continuar prestando – um bom serviço. Vejam-se, por exemplo: a “Semana da Família” (embrião de tantas outras pelo Brasil afora, hoje assumida a nível nacional pela CNBB); o livro “*Entre milhares, eu te escolhi*” – Introdução ao sacramento do Matrimônio (Ed. VOZES, Petrópolis), com ampla aceitação em todo o país; os concursos de redação e de cartaz sobre a família; envolvendo milhares de crianças, de jovens e de professores de escolas públicas e particulares; o Aconselhamento conjugal, que teve como fruto o Movimento “Porta Aberta”; a criação de Equipes de Pastoral Familiar nas paróquias; o programa de Televisão sobre a família, depois desativado; os projetos para atendimento a famílias carentes; o trabalho com Movimentos, “para conseguir melhor organicidade da ação pastoral”; as posições assumidas em defesa da família.

Nesse particular, poderíamos citar: a firme presença junto ao Governo do Estado quando se discutiu a liberação do “top-less” pela Secretaria de Segurança Pública em praias da Capital; a atuação junto aos congressistas, quando o Presidente da República quis alterar o então artigo 175 da Carta Magna, eliminando o casamento como base para a constituição da família; as correspondências encaminhadas aos Ministérios da Justiça e das Comunicações, manifestando inconformismo com a maneira irresponsável e leviana com que a TV projeta imagens e divulga conceitos que ferem a honra e a dignidade da família, levando à permissividade moral; as campanhas contra a legalização do aborto, e outras.

Os cursos de preparação para o casamento sempre mereceram atenção especial. De 83 a 85, p.ex., o Instituto da Família reuniu mais de quatrocentos agentes para, em várias oportunidades, repensar conteúdos e métodos.

Os cursos de preparação para o casamento sempre mereceram atenção especial

Fruto da contribuição desses agentes, e também de sacerdotes e diáconos, elaborou-se um novo “Manual”; começou-se a “escolinha de dirigentes” para melhor capacitar os formadores; insistiu-se na eliminação dos encontros-relâmpago de fins de semana, altamente questionáveis e, infelizmente, ainda existentes, e deu-se orientação às paróquias para constituírem suas próprias equipes, permitindo, assim, maior contacto com os noivos, possibilidade de auxílio e acompanhamento na vida de casados.

No 10º Plano de Pastoral, ao INFLOR se cometeu, entre outras tarefas, a de “redescobrir e estudar os carismas e os objetivos, e definir o campo específico de cada Movimento familiar, para se conseguir uma melhor organicidade da Pastoral Familiar”, missão a que Dom Afonso já aludira em 1967. Agora se somam às ENS e ao MFC o “Diálogo” e mesmo outros Movimentos como o “de Irmãos”, Cursilhos, Encontrismo, Emaús, Pólen e também a Escola de Pais.

Cada um a seu modo, eles prestam valiosa contribuição: cursos de preparação ao casamento, atuação na liturgia, no CAEP e nos CPPs, busca de novos recursos e métodos para encontros, coordenação de grupos de jovens, catequese, ministério extraordinário da Comunhão, participação no Conselho Arquidiocesano de Pastoral e na Diretoria do Instituto da Família, incipiente presença na vida política, trabalho em escolas etc.

O projeto do 10º Plano – já estamos no 12º! – resta inconcluso. Mas já se fez uma bela caminhada.

Outro aspecto a considerar: aquele “fechar-se em si mesmos” dos Movimentos leigos, que já Medellín apontava, está praticamente superado (claro que existem membros de Movimentos, que se fecham, mas não os Movimentos em si). É certo, contudo, que não superamos de todo o “não saber situar devidamente (nosso) apostolado no contexto de um compromisso histórico libertador” (Medellín), mas isto se deve, em grande parte, à falta de formação adequada.

Os Movimentos representam um verdadeiro dom de Deus para a Nova Evangelização

A presença e a ação dos Movimentos é inquestionável. E há frutos muito bons. “Os Movimentos representam um verdadeiro dom de Deus para a Nova Evangelização e para a atividade missionária propriamente dita”, afirmou o Papa na “*Redemptoris Missio*”, n.72. E, em seguida, na mesma encíclica, recomendou que eles “se difundam e sirvam para dar novo vigor, sobretudo entre os jovens, à vida cristã e à evangelização”.

Por que não se atende a este pedido de Sua Santidade? Por que não se difundem mais os Movimentos? Ainda se duvida de sua eficácia? Há comodismo? Existem avaliações negativas congeladas? Contam-se antipatias por pessoas ou inconformismo com os tipos de carisma deste ou daquele Movimento, geralmente nem bem conhecidos? Como seria bom se cada um de nós imitasse o bondoso Papa João XXIII, que dizia: “Continuo semeando a cada dia alguma semente. Em tempo oportuno, eu ou qualquer outro há de colhê-la!”

Volto ao Instituto da Família: que semente! Em março de 1980 já existe um congênere em Belém do Pará, fundado por Mons. Geraldo Menezes; em 84, Curitiba pede informações a respeito; em 88, Apucarana, PR; em 89, Londrina e Brasília. E surge o Instituto Catarinense da Família. E vem o IBRAF – Instituto Brasileiro da Família! Vasos comunicantes que se estendem por lugares que nem sabemos. Como dizia Dom Murilo em uma reunião do INFLOR em junho de 1985: “Onde a semente cai, a marca de Deus fica presente”.

Quando o INFLOR completou 10 anos, e solicitado pela Diretoria da entidade, Dom Afonso elaborou pequeno texto para ser impresso em marcadores de Bíblia: “*Instituto da Família: 10 anos de atuação na Arquidiocese de Florianópolis. O caminho percorrido faz renovar o compromisso com o desafio que permanece: construir a família para construir uma nova sociedade*”.

Nunca nos devemos cansar de servir à família

Foi isso que fizeram e é isso que estão fazendo o Instituto da Família e os Movimentos: “*construir a família para construir uma nova sociedade*”. Não é tarefa que tenha fim, mas “nunca nos devemos cansar de servir à família; de dar, assim, resposta à fome e à sede que ela tem de sentido, de verdade e de amor profundo, de liberdade autêntica e de plenitude de vida” (João Paulo II aos membros da Conferência Episcopal Italiana, maio de 1993).

A Pastoral Familiar na Arquidiocese está começando a trilhar um novo caminho que, mercê de Deus, será fecundo. Novamente temos um Arcebispo que ama a família e a ela devota especialíssima atenção. Com certeza, Dom Eusébio Oscar SCHEID e a Equipe da Pastoral Familiar haverão de conseguir muito. Nossas famílias necessitam desse trabalho, para viverem a dignidade e a santidade a que são chamadas pelo Senhor.

Quanta responsabilidade! Mas, como dizia São Leão Magno, que João Paulo II recordou na “*Christifideles Laici*”, “Deus dará a força a quem concede a dignidade”, verdade já experimentada por tantos que ofereceram e continuam a oferecer o melhor de suas vidas em favor do seu Movimento e da Pastoral Familiar.

É uma missão transcendente, que devemos exercer sempre lembrados do alerta de Paulo VI: “O apostolado, em todas as modalidades, precisa ganhar raízes na oração, estar unido ao coração do Cristo”. E lembrados também do que dizia Dom João Bosco, Bispo de Pouso Alegre, MG, no encontro da Pastoral Familiar promovido pela CNBB em Recife: “Esta Pastoral se faz de joelhos!”

A presença do Instituto da Família e dos Movimentos na Arquidiocese de Florianópolis é marcante. Muito se conseguiu. O que não se pôde alcançar foi porque ou “são sempre os mesmos” e suas limitações ou, muito mais, porque esses “mesmos” e os outros que vieram não dobraram suficientemente os joelhos.

*Endereço do autor:
rua Osvaldo Cruz 608
Balneário – Estreito
88075-270 FLORIANOPOLIS, SC*